



CÂMERA A DENTRO: a experiência de violência e silêncio nas personagens femininas no filme *Redemoinho*¹

Autora Leda do Nascimento Rosa²

RESUMO: O presente artigo traz uma reflexão sobre a violência e o silêncio vivenciados por personagens femininas no filme *Redemoinho*. Pretende, através da *câmera a dentro* analisar cenas de Valter Carvalho, a fim de perceber três tipos de violência vivenciadas dentro de casa por elas: a psicológica, a física e a sexual. O objetivo é averiguar como o filme *Redemoinho* utiliza a linguagem visual para comunicar essas experiências em cenas internas de casa para construir narrativas que exploram a complexidade das personagens femininas. Bachelard (1998) compreende que um sonhador de casas as vê em todo lado, afirma também que é o primeiro universo visto como uma intimidade protegida onde os sonhos e as memórias são construídos. No entanto a casa aparecerá no filme como um cenário de violência e opressão construindo uma narrativa que denuncia uma realidade vivenciada também longe das câmeras. Assim, o lar em vez de acolher, torna-se um palco de vulnerabilidade, tornando um espaço, por vezes de confinamento para a mulher. As personagens femininas do filme, embora não sejam protagonistas, ganham força pela interpretação e pela densidade psicológica dos conflitos vivenciados por elas. Este filme de José Luis Villamarin é uma adaptação de contos de Luiz Ruffato, especialmente o conto *Amigos*. Ele retrata a vida de dois amigos de infância que se encontram em Cataguases no natal. As mulheres, que estão ligadas diretamente à história dos dois amigos, direcionam o olhar do espectador para a condição de muitas mulheres: mãe abandonada, mãe de luto e mulher violentada. A metodologia adotada neste artigo é a qualitativa, baseada em análise fílmica de cenas específicas, com foco na composição

¹ Trabalho apresentado na 2ª Semana Eva Nil de Cinema – Mulheres no Cinema, realizada de 23 a 27 de setembro de 2024 pelo curso de Tecnologia em Cinema e Animação da UEMG/Ubá/Cataguases.

² Graduada em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Cataguases, mestre em Letras pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, área de concentração Literatura Brasileira, mestre em Patrimônio Cultural, paisagens e Cidadania, e segunda graduação em Artes Visuais pela Faveni, e-mail 86548077687@estudante.ufjf.br



visual, diálogos, atuação e direção de arte. Todas estas escolhas reforçam a realidade emocional e psicológica das personagens femininas. A câmera entra nas casas de Dona Marta (Kássia Kiss), Bibica (Camila Amado) e Toninha (Dira Paes) destacando corredores e objetos de memórias, transportando-nos para casas típicas da classe média baixa numa vila operária. A câmera foca nos protagonistas, mas sempre se pode ver em um ângulo mais aberto a experiência da primeira mulher de quem se quer tratar aqui. Dona Marta serve o filho o tempo todo e se esconde por trás de paredes e janelas para ouvir e compreender melhor o que se passa, dando-nos a impressão de que seria a única forma de participar da vida de Gildo (Júlio Andrade) que, estando de visita, mal fala com ela, tratando-a grosseiramente por Dona Marta e nunca por mãe. Gozando de alguns minutos de prazer ao falar pelo celular com o outro filho que não vê há anos, ele quase lhe arranca o telefone da mão querendo conversar com o irmão a respeito da venda da casa e da herança, quando ela ouve, à espreita, que a casa onde mora será demolida. A casa é para ela o que Bachelard (1988, p. 208) afirma: “A casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade”.³ Aquela construção física é o que ainda resta de estável para o dia-a-dia, que a mantém conectada às suas histórias e memórias. Dona Marta retrata a mãe que sofre com o ninho vazio, mostrando-se aborrecida pelo distanciamento geográfico e afetivos dos filhos pedindo pelo menos fotos impressas dos netos. A segunda mulher é Bibica, que prepara sua singela ceia de natal e aguarda por Zunga, o filho mais velho, que após a morte do irmão mais novo, entregou-se aos vícios e perambula pelas ruas. Alegre por vê-lo, recebe-o com palavras de carinho verbalizando estar feliz por não passar o natal sozinha, mas é agredida por ele exigindo que ela lhe dê dinheiro. A câmera não mostra a agressão que acontece atrás de uma parede, mas o espectador pode ouvir e se compadecer daquele cenário de extrema dificuldade financeira e de sofrimento de ambos pelo trauma gerado pela morte do filho mais novo. Por último, outro tipo de violência acontece quando Toninha é estuprada por Zunga, pouco antes da ceia de natal, quando ele invade sua casa no momento da passagem do trem de ferro que passa paralelo ao correio de casas próximas ao trilho. A máquina, com

³ BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução Remberto Francisco. Kuhnlen; Antônio da Costa Leal; Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Nova. Cultural, 1988.



sua brutalidade e barulho é uma metáfora visual e sonora do que ela enfrenta se debatendo, xingando e pedindo que ele a solte, dizendo estar grávida, sem poder ser ouvida por vizinhos por causa do barulho do trem. A cena é vista de fora para dentro, entre os vagões e a abertura da janela, terminando com o silêncio da locomotiva que some na noite, seguido pela câmera em close lateral evidenciando o choro e a revolta da ex-prostituta. Dona Marta passa a noite de natal sozinha, tendo Gildo adormecido pelo efeito da bebida em excesso. Bibica acende uma vela e conversa com a foto de Marquinho, o filho morto sugado por um redemoinho, nunca mais encontrado, pedindo a ele que volte. Toninha, que passou o dia se preparando para a revelação de sua gravidez, cala-se sobre o abuso sofrido pouco antes da chegada do marido. Estas ocorrências na ficção representam tragicamente a vida de muitas mulheres aprisionadas em redemoinhos que as arrastam para problemas psicológicos, baixa autoestima e abandono. O artigo ressalta a importância da casa como cenário visualizado por Bachelard como lugar de refúgio e acolhimento, bem como a relevância do cinema em trazer uma realidade que deve ser combatida por meio de diálogo, denúncia e leis de proteção às pessoas em vulnerabilidade. A narrativa de *Redemoinho* denuncia a situação experienciada por muitas mulheres fora das telas. O artigo conclui que o longa oferece uma representação rica da condição feminina, em um redemoinho de emoções que prende as personagens, utilizando o espaço doméstico como espaço de tensão vivida. Neste sentido, o filme pode promover um espiral de mudanças a partir da compreensão de um cenário que precisa ser mudado por meio de um olhar mais atento para toda forma de violência. Em sua conclusão, o artigo ressalta a importância de se repensar o papel do lar na construção da identidade feminina e na forma como ele pode tanto construir quanto destruir relações que servirão de base para uma vida plena e mais saudável. Ressalta ainda o impacto da mise-en-scène e da montagem na construção de significados que impactam o espectador solidarizando-se com a história destas três mulheres e conscientizando-se sobre esta intolerável condição feminina.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução Remberto Francisco. Kuhnen; Antônio da Costa Leal; Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Nova. Cultural, 1988.

VANOYE, Francis e GOLIOT-LÉTÉ. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas: Papyrus, 1994.